

identificado e, em geral, sem significado clínico, o anti-LW pode mimetizar sorologicamente o anti-D, por conta da sua maior expressão nas células D+. No entanto, a diferenciação é possível pois o comportamento dos antígenos difere nos tratamentos enzimáticos e na expressão nas hemácias de cordão. No caso descrito, todos os testes realizados confirmaram a hipótese diagnóstica da presença do autoanticorpo anti-LW em indivíduo RhD positivo e o MMA reforçou o provável padrão não-hemolítico do anticorpo, o que foi confirmado após os atendimentos transfusionais mesmo com prova cruzada incompatível. **Conclusão:** O caso ilustra a importância da utilização das diversas ferramentas disponíveis para o diagnóstico imunohematológico, do conhecimento das peculiaridades e do comportamento clínico dos anticorpos eritrocitários identificados e da utilização do MMA como suporte à decisão de seguir com transfusões que apresentem incompatibilidade *in vitro* por ser excelente teste preditor de hemólise clinicamente significativa *in vivo*.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2023.09.1135>

PERFIL DO FENÓTIPO RHCE DE DOADORES DE SANGUE RHD NEGATIVOS EM DOIS HOSPITAIS UNIVERSITÁRIOS DO RIO JANEIRO

TA Barros^a, KB Fonseca^b, CA Mesquita^b,
JH Silva^b, CAT Alves^a, JM Santos^a,
ALBR Soares^a, LST Papinutto^a,
FMGC Bandeira^c

^a Hospital Universitário Clementino Fraga Filho (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

^b Hospital Universitário Pedro Ernesto, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

^c Faculdade de Ciências Médicas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Objetivo: Comparar a prevalência do fenótipo CDE+ em doadores RhD negativos de dois Hospitais Universitários do Rio de Janeiro, com a descrita na literatura. **Materiais e métodos:** Estudo multicêntrico retrospectivo realizado entre janeiro de 2018 e maio de 2023 com doadores de sangue RhD negativos e pesquisa de “D fraco” negativa, quanto aos fenótipos RHCE no Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE/UERJ) e no Hospital Universitário Clementino Fraga Filho (HUCFF/UFRJ), através de consulta às bases de dados dos sistemas de hemoterapia utilizado pelos serviços. A técnica em gel foi utilizada para a realização dos testes envolvidos. **Resultados:** Foram avaliadas 46.070 doações no período. Dessas, 4.014 foram de doadores RhD negativos com fenótipo CDE avaliado, sendo 397 (9,94%) doadores CDE+, dos quais 194 (10,6%) no HUCFF e 203 (9,3%) no HUPE. Dos 236 doadores RhD negativo CDE+ que tinham a informação do fenótipo específico disponível, 72,46% eram rr; 21,61% eram rr e 5,93% eram rr/ryr. **Discussão:** O sistema do grupo sanguíneo RH foi descrito no início da década de 1940 por Landsteiner e Wiener. É composto por proteínas multipassagem na membrana eritrocitária, totalizando mais de 50 antígenos já reconhecidos. Desses, cinco tem

maior relevância clínica na prática transfusional, a saber: D (RH1), C (RH2), c (RH4), E (RH3), e (RH5). Presentes no cromossomo 1 e mantendo íntima relação entre si, os genes RHD e RHCE, cada um com 10 éxons, distribuídos em 69 kpb, são separados pelo gene TMEM50A (SMP1) e transcrevem esses antígenos em direções opostas. Devido a essa interação, o fenótipo RhD negativo, resultado da ausência do antígeno D (RH1), na população caucasiana, por deleção em homozigose do gene RHD, costuma vir acompanhada da ausência dos antígenos C (RH2) e E (RH3). Dados de literatura norte-americana ou europeia sugerem prevalência em torno de 97% do fenótipo dce/dce (rr) entre os RhD negativos. Baseada nesses dados, nossa legislação prevê a fenotipagem estendida de doadores RhD negativo, para garantirmos o fenótipo CDE negativo dessas bolsas. Nesta amostra, 90% dos doadores RhD negativo são CDE negativo, sendo menor que a da população caucasiana. O encontro de 9.89% de doadores CDE+ nesta amostra, é maior que o relatado na literatura mundial. **Conclusão:** A prevalência do fenótipo CDE+ em doadores RhD negativo mostrou-se maior do que a descrita na literatura. Essa diferença deve-se, entre outros fatores, à alta miscigenação da população. Vale ressaltar, contudo, que a prevalência encontrada neste estudo não é representativa do povo brasileiro pois restringe-se a um coletivo de doadores de sangue de núcleos de hemoterapia públicos do Rio de Janeiro. Um estudo de base populacional pode ser necessário para extrapolação de dados nacionais e implantação de políticas transfusionais.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2023.09.1136>

CARACTERIZAÇÃO MOLECULAR DO FENÓTIPO RHD FRACO 38 EM DOADOR DE MEDULA ÓSSEA AFRODESCENDENTE COM NEUTROPENIA LEVE ASSOCIADA A MUTAÇÃO GATA: RELATO DE CASO

LD Santos, TH Costa, MFM Sirianni,
FAA Almeida, MG Aravechia, ML Savioli,
JM Kutner, CB Bub

Hospital Israelita Albert Einstein (HIAE), São Paulo, SP, Brasil

Objetivos: Alterações no gene RHD, podem ser detectadas pela variação na intensidade de reações sorológicas com diferentes reagentes anti-Ds e podem estar associadas com alelos RHCE presentes em determinadas etnias. Descrevemos uma variante RHD prevalente em caucasianos, mas que foi identificada em um indivíduo afrodescendente apresentando a mutação GATA. Diante da alta miscigenação da população brasileira, protocolos complementares de genotipagem tornam-se ferramentas úteis para a caracterização de raros alelos RHD. **Material e métodos:** Esse estudo foi realizado na amostra de um indivíduo do sexo masculino, 43 anos, afrodescendente, candidato a doador de medula óssea, que na avaliação inicial apresentou uma leve neutropenia (segmentados: 1.472 uL; Valor de Referência: 1.700 a 8.000 uL). A tipagem RHD foi realizada com dois antissoros anti-D (IgM MS-26/ IgG MS-201, Fresenius Kabi) e com painel de soros